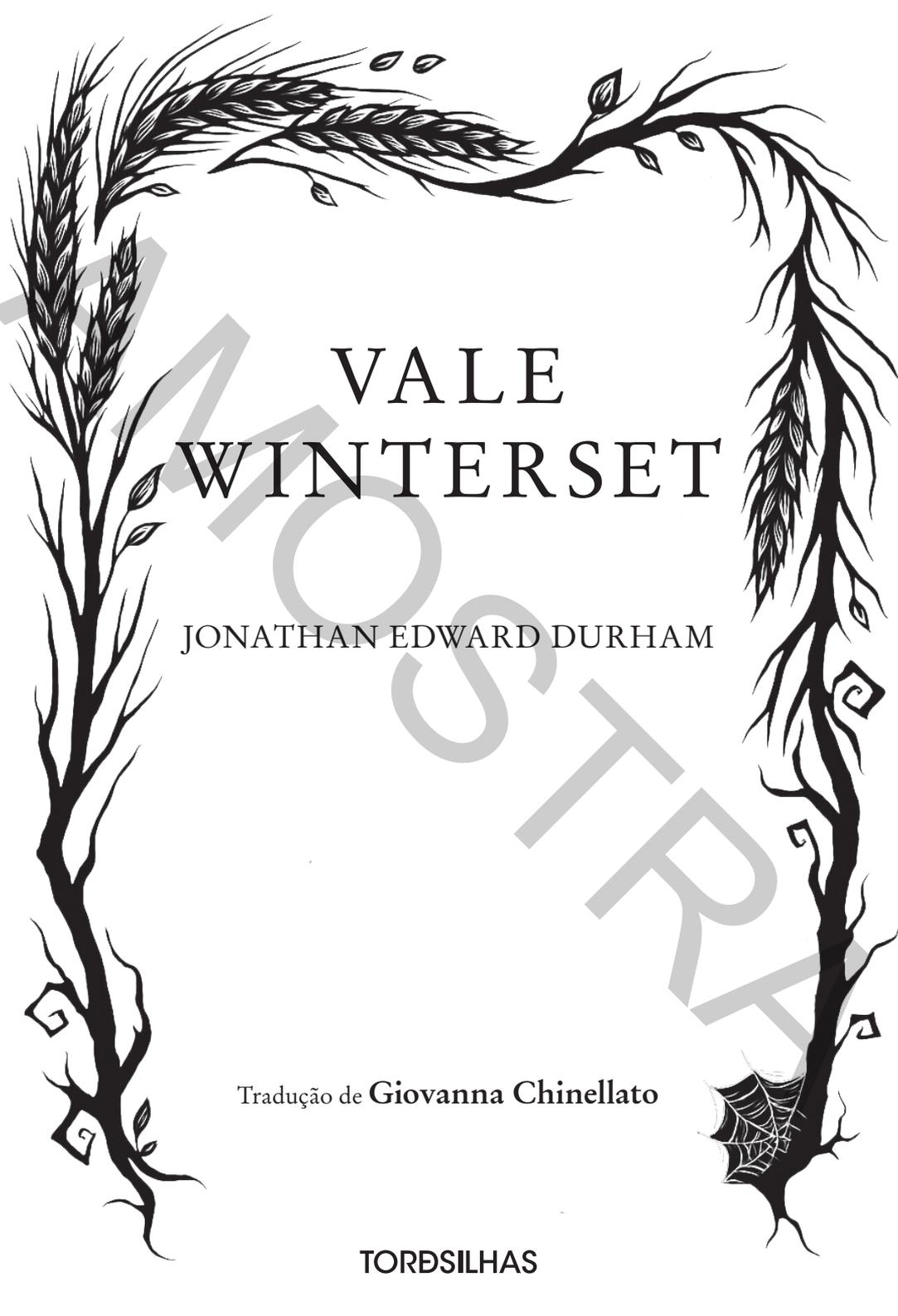


VALE
WINTERSET

AMOROSTRA

ANMOSTRRA



VALE
WINTERSET

JONATHAN EDWARD DURHAM

Tradução de **Giovanna Chinellato**

TORDSILHAS

Vale Winterset

Copyright © 2025 TORDESILHAS

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editora Ltda, empresa do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2021 Jonathan Edward Durham

ISBN: 978-65-5568-319-6.

Translated from original Winterset Hollow. Copyright © 2021 Jonathan Edward Durham. ISBN 9781625862082. Published in arrangement with Credo House Publishers, a division of Credo Communications LLC, Grand Rapids, Michigan. PORTUGUESE language edition published by Alaúde, Copyright © 2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D928w
1.ed. Durham, Jonathan Edward
Vale Winterset / Jonathan Edward Durham;
tradução de Giovanna Chinelatto. – 1. ed. – São Paulo:
Tordesilhas, 2025.
372 p. ; 16 x 23 cm.
ISBN 978-65-5568-319-6
□ Grimm. 2. Terror. 3. Mistério. 4. Contos.
5. Animais. 6. Fábulas. 7. Moral. I. Título.
CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura americana contemporânea - 813.6

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutùs

Coordenadora Editorial: Mariana Portugal

Produtora Editorial: Viviane Corrêa

Tradução: Giovanna Chinelatto

Copidesque: Luíza Thomaz

Diagramação: Rita Motta


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:
 **ALTA BOOKS**
ASSOCIADO 
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
EDITORES E EDITORAIS

Para a minha família,
sem a qual eu não seria nada, não chegaria a lugar algum.

ANMOSTRRA



PARTE UM

O COELHO NO CAMPO
DE CENTEIO

*A mesa estava posta e havia vinho de cevada e cerveja para acompanhar
Parentes estavam presentes e sorriam: o Dia da Cevada acabara de chegar
Céu azul-aurora, torta de abóbora e barrigas cheias de pães
Histórias antigas de glória e ouro e os caminhos trilhados pelos anciãos*

*O Vale nunca esteve tão em paz em seu refúgio do búfalo onipresente
As raposas nunca tão travessas, a melodia das corujas nunca tão contente
A brisa nunca tão calorosa como naquela bela manhã de outono
Todo sapo em seu pequeno pântano, sem nenhum medo a lhe tirar o sono*

*Toda folha era um perfeito sopro de laranja, verde e marrom
E toda relva parecia perfeita em cada trecho e tom
Toda tigela de sopa aquecia por completo cada coração
Assim como a torta de batata-doce e o creme de cebola servido no pão*

*Mas quando o sol começou a perseguir o farol e o mar
O grupo se cansou de jogos e música e se sentou com chá para tomar
E embora a luz estivesse partindo, o que as crianças achavam injusto
Ainda havia dois lugares desocupados, veja bem, para Runny e o urso robusto*

*Duas cadeiras de carvalho vazias, duas tortas intocadas
Duas tigelas de sopa esperando para serem tomadas
Duas ausências não mencionadas enquanto toda criança era com força abraçada
Pois aqueles a quem se devia o banquete haviam desaparecido na madrugada*

*Foi na colina onde ficava o moinho de cevada por todo aquele tempo
Que o coelho encontrou um cantinho para se sentar ao relento
Com as orelhas deitadas para trás, mais baixo do que o capim
Ele esperou até toda a trovoada do búfalo passar enfim*

*Esperou até a testa estar cansada demais para franzir
E sua perna agitada bater no chão até parar de sentir
Então ergueu o focinho peludo, as orelhas e os olhos para ver
O final amargo do amigo urso, apoiado na árvore, pronto para ceder*

*E mesmo ao crepúsculo, ele via a grama onde o vermelho manchou
O ponto do duelo pelo qual o búfalo clamou e bradou
Deitado ao lado do amado urso, o velho Runny chorou sem floreio
Sem ninguém por perto para lamentar pelo coelho no campo de centeio*

UM

John Eamon Buckley sequer sabia seu primeiro nome até já ser um jovem adulto, mas tal era a situação em que foi criado. Havia, claro, incontáveis minas explosivas enterradas ao longo de sua criação, mas, pelo que se lembrava, essa havia sido a primeira a saltar e arrancar um pedaço da sua realidade. Uma década depois, ele ainda se lembrava da primeira vez em que o escutou — a sílaba solitária e forte se derramando da boca de uma assistente social que parecia ter sido encomendada junto a sua escrivaninha modular; o prédio ao seu redor era frio, cinzento e ainda cheio dos fantasmas da delegacia, do hospício ou de seja lá que coisa horrível costumava ser. *John? Quer um copo de água? Como você está lidando com isso tudo, John?*

Eamon ainda não sabia como responder a essa pergunta, e durante sua jornada à vida adulta havia se acostumado com a ideia de que jamais conseguiria colocar tudo em palavras, e, além disso, nem sabia se valeria a pena. *Como se conta uma história dessa para alguém? Como seria possível que entendessem?* Toda noite, Eamon ainda se perguntava isso quando estava deitado, em algum horário absurdamente tarde, com os punhos vazios cerrados e os olhos vidrados no teto bege, plano e chapiscado. Queria voltar no tempo e se forçar a contar tudo para ela. Queria se forçar a gritar com tanta força que ainda escutaria os ecos uma década depois. Queria envolver seu eu mais novo com os braços e prometer que tudo ficaria bem, ou falar qualquer uma das outras centenas de gentilezas possíveis, mas a tentação de mentir para si mesmo sempre foi amarga demais, mesmo em teoria, mesmo naquele exato momento em que tudo começava a borbulhar garganta acima. Então, não houve gritos e não houve resposta daquele John recém-formado, e também não houve história de onde esteve ou como vivia. Pelo menos, não para uma desconhecida enfiada atrás de uma escrivaninha. Nem mesmo depois de todos aqueles anos.

As coisas não estavam necessariamente ruins nos dias anteriores ao desaparecimento do pai de Eamon, mas com certeza estavam diferentes. Diferentes de uma forma que só alguém criado por um homem deixado livre para alimentar os próprios surtos de raiva e violentos caprichos agorafóbicos poderia entender. Diferentes de maneira com que só alguém que não sabia separar ficção e realidade e que não havia escutado nada além das palavras do pai até ser forçado a sair para o grande mundo lá fora aos 14 anos poderia se identificar. Mas havia ao menos certa paz naqueles dias antes de Eamon saber a verdade, e as coisas eram simples — havia certa tranquilidade quando existiam limites e ele dormia profundamente bem sob a luz direta das estrelas e o coro dos grilos e corujas. As coisas eram simples e descomplicadas naquela época, e embora houvesse bastante espaço para se aventurar e tempo de sobra para matar, não havia, infelizmente, batata frita... e *essa* era uma mina na qual ele estava sempre disposto a pisar.

— Meu Deus, que delícia isso — disse Caroline, com a dicção comprometida devido à boca cheia de fatias douradas de uma batata perfeitamente frita.

Ela estava espremida no canto da janela de um sofá *booth* de restaurante ao lado do namorado, Mark, ambos sentados de frente para Eamon, que, como sempre, não tinha ninguém ao lado para fazer o papel de sua alma-gêmea. Ele era solitário mais pelo conforto da circunstância do que qualquer outra coisa, mas os três haviam se tornado muito próximos nos últimos anos, então Eamon, apesar da natureza antissocial, nunca chegou ao ponto de se transformar em um ermitão completo... e estava plenamente ciente de que devia isso apenas àqueles dois.

Ele escolheu sua próxima vítima da pilha de carboidrato no centro da mesa, passou na grossa poça de ketchup na lateral do prato e enfiou na boca, mas logo identificou que tinha algo faltando e imediatamente recorreu ao saleiro.

— Eu já pus sal — contestou Mark. — Você me viu colocar. Eu vi você vendo eu colocar.

— Eu vi você salgar a camada de cima, mas nós acabamos de comer a camada de cima, então agora alguém precisa pôr sal na de baixo. Não é uma lógica tão complicada assim — retrucou Eamon, com um sorrisinho bem-intencionado enquanto dava às iguarias agora desenterradas um banho dos cristais abençoados por Deus.

— Viu? Ele entende — rebateu Caroline, dando uma mordida recém-salgada e exagerando sua reação de prazer para Mark. — Perfeitas.

— Vocês realmente transformaram isso em ciência, né? — disse Mark.

— A mecânica da relação entre o sal e a batata frita é descomplicada, mas isso não significa que não seja necessário refletir sobre o assunto. Acho que a verdadeira questão aqui é... por que *você* não deu a mesma atenção? — retrucou Eamon antes de abençoar também a poça de ketchup com alguns movimentos do pulso. — Tomates também precisam de amor, sabe... não que eu queira entrar em detalhes técnicos nem nada.

Caroline enfiou outra batata entre os lábios normalmente tímidos, levou uma mão ao peito e se inclinou contra a janela, tomada pela total maravilha de tudo.

— Minha nossa, ele me entende de um jeito que você jamais conseguiria — provocou, sem jamais perder uma oportunidade de alfinetar o namorado. — Tomates também precisam de amor. *Tanto* amor.

Mark lhe franziu a testa, meio de brincadeira, e respondeu:

— É, bom, se você acha que tem tomate de verdade nesse negócio... tenho um segredo para te contar.

— Eu amo segredos! — exclamou Eamon. — O que é? Alguma coisa empolgante?

— Você entendeu o que eu quis dizer. Não me faça levantar daqui.

Eamon, é claro, sabia exatamente o que Mark quis dizer, mas quando o amigo dava abertura, sempre aproveitava a chance de se fazer de bobo, e nunca deixava de se unir a Caroline para brincar com a natureza mais simplista dele. Mark era um cara descomplicado, mas isso era mais uma virtude do que uma falha aos olhos dos amigos, já que nunca estava fechado demais em si mesmo para negar atenção a eles. Mesmo que não passasse de um debate vazio e leviano, era sempre bem-vindo e, sinceramente, Eamon costumava preferir isso a qualquer coisa que exigisse uma introspecção indesejada. Mark estava longe de ser um artista em qualquer aspecto da vida, mas não importa o pincel que tivesse à mão, sempre trazia uma promessa mais agradável do que um espelho.

Caroline também era o porto seguro de Eamon em sua constante batalha para se ajustar ao mundo para além de sua criação, embora por motivos completamente diferentes, e mesmo que no fundo não fosse tão direta e positiva quanto Mark, ela entendia Eamon de uma maneira que ele não entendia. Sabia como era se sentir deslocada, mesmo em situações familiares. Sabia o que era olhar para a mesa e não encontrar um lugar, mesmo que fosse sua própria mesa, e, na maior parte do tempo, bastava um olhar gentil na direção de Eamon ou uma mão amiga em seu ombro para lembrá-lo de que ele não

era o único que se sentia sozinho e que carregava o fardo das circunstâncias nas quais nascera. Para lembrá-lo de que ela também tinha uma história cercada de espelhos.

Os milkshakes chegaram sob a aprovação silenciosa e sorridente de Mark e Eamon, e aplausos reais de Caroline, que bateu palmas como uma menininha quando a bebida viscosa de morango foi colocada à sua frente. Mark, por sua vez, jamais negava chocolate quando era uma opção, e Eamon aparentemente ainda não tinha evoluído para além da deliciosa previsibilidade da baunilha.

— Querem mais alguma coisa? — perguntou a garçonete, já na metade do giro de volta em direção à cozinha quando Eamon a interrompeu com uma pergunta diferente.

— Na verdade, ahn... eu só queria saber se... esse é o Runny? — Sua voz se afinou ao apontar para o desenho em linhas finas de um coelho com aparência um tanto elegante à frente do cardápio, logo debaixo do nome da lanchonete, Cantinho da Millie.

— Se isso é *o quê?* — disparou de volta a garçonete, como se Eamon estivesse falando alguma língua morta há séculos.

— O Runny? O coelho no campo de centeio? Eu só achei que...

— Você quer *rum com centeio?* — questionou ela, através de olhos tomados por olheiras.

— Não, não... eu estava perguntando se o desenho no cardápio era...

— Peru — interveio Caroline. — Tomate, alface, sem cebola e a maionese à parte. E pode ser para viagem? — A garçonete deu de ombros e rabiscou alguma coisa no bloquinho antes de se virar e voltar para a cozinha, batucando as sapatilhas no chão. — Acho que ela não gosta muito de ler — acrescentou, antes de dar um chutinho de brincadeira na canela de Eamon sob a mesa.

— É, mas isso não quer dizer que ela seja boba — retrucou Mark, apontando um dedo para os amigos como se estivesse se preparando para um ataque que sabia estar por vir. — Alguns de nós, não-leitores, somos bem experts e tal. E tipo... muito bonitos.

— Aham. Isso também não quer dizer que ela necessariamente *não* seja boba — argumentou Eamon, levantando as sobrancelhas e sorvendo o milkshake enquanto Caroline acariciava a bochecha gorda do namorado com seus dedos graciosos e perfeitos. — Mas, para uma mulher, devo admitir que ela é mesmo *muito* bonita.

— Tá, mas, tipo... não tão bonita quanto eu, né? — perguntou Mark, esticando o pescoço e alisando a lapela imaginária, ciente de sua aparência

nada memorável, mas contente em fazer parte da brincadeira, mesmo que às próprias custas.

Caroline pegou um dos cardápios e analisou o desenho na capa, um esboço em carvão com linhas perfeitamente finas de um lagomorfo escondido em meio ao capim, com o pelo coberto por um sobretudo xadrez e a cabeça coroada com uma boina cinza.

— Bom, mas *realmente* parece com ele — disse. — Sem ninguém por perto para lamentar pelo coelho no campo de centeio.

Livros eram onipresentes na infância de Eamon, já que não havia muitas opções de entretenimento além de histórias, jogos e o paraíso infinito ao ar livre que era o deserto de árvores de Idaho, onde ele crescera. Porém, apesar da coleção aparentemente infinita das obras de Verne, Defoe, London, Dumas e Twain nas prateleiras decrépitas que rodeavam sua cabana, Eamon nunca tinha ouvido falar em *Vale Winterset* até a breve e amargurada estadia com sua primeira família temporária. Era uma história marcante, uma maravilha que ultrapassava gerações, e desde a primeira vez em que cravou os dentes no conto encantador sobre um grupo de animais que se preparava para as festividades anuais do Dia da Cevada, Eamon imediatamente compreendeu por que a obra-prima de E. B. Addington só cresceu em popularidade ao longo das décadas seguintes à sua publicação.

Vale Winterset tratava-se de um daqueles livros únicos e atemporais que era simples, puro e claramente divertido à primeira vista, porém muito mais profundo sob a superfície. Falava sobre a vida, perdas, dificuldades, medo, coragem e sacrifício de uma forma tão vívida que era quase fácil passar batido, e imediatamente se infiltrou debaixo da pele de Eamon e ali permaneceu, como uma tinta boa e forte, desde o dia em que abriu a capa pela primeira vez. Suas páginas eram tomadas por poesia simples e lições complicadas, e mesmo aos 26 anos, ele ainda se deleitava a cada palavra como se pertencessem exclusivamente a ele. Amava cada reviravolta e cada personagem, e embora todos tivessem características adoráveis e divertidas, Runny, o coelho, sempre teve um lugar especial em seu coração, já que Eamon entendia bem até demais o desejo de escapar para o meio do capim e ficar imóvel até que nada nem ninguém soubesse que ele estava lá. Sem ninguém por perto para lamentar. Ninguém mesmo.

Mais de sessenta anos depois de sua publicação, *Vale Winterset* continuava sendo muitas coisas para muita gente, mas também era o motivo pelo qual Eamon, Caroline e Mark estavam no vilarejo sonolento de West Rock em Washington, uma cidadezinha acomodada na costa do Oceano Pacífico

que era totalmente comum exceto por seu morador mais famoso, o próprio E. B. Addington. Eles estavam em um tipo de peregrinação... haviam ido até lá para prestar homenagem ao homem que lhes dera muito sem sequer saber seus nomes. Para reverenciar e ver a área da famosa propriedade que inspirou o livro, mesmo que à distância. Estavam lá para agradecer e deixar claro para ele o quanto tudo lhes importava... e estavam perto agora. Tão perto.



West Rock tinha certo charme só por não estar fingindo ser algo que não era. Surpreendentemente, não havia livrarias abarrotadas com a obra de Addington, nem lojinhas de *souvenir* vendendo chaveiros com a silhueta de seus personagens ou passeios guiados pelas ruas por onde ele andou. Na verdade, não havia menção alguma ao autor nas vitrines e fachadas que polvilhavam o coração da cidade conforme este serpenteava pela costa rochosa por menos de um quilômetro. Aos olhos de Eamon, não era muito diferente de Boise, exceto pelo fato de ser um pouco menor e menos preocupada em ser uma encruzilhada de subculturas quase idênticas e rota de transportadoras regionais. Conforme caminhavam à beira-mar na direção do único píer da cidade, ele não conseguia deixar de sentir que West Rock não dava a mínima para o fato de eles estarem ali, para começo de conversa, e um novo conforto desconhecido aflorou em seu ser. Três coelhos no campo de centeio e nada mais.

Mark e Caroline estavam saltitando pela rua principal, empurrando o ombro um do outro e fazendo brincadeiras sobre seus respectivos interesses de leitura, ela mastigando o sanduíche de peru e ele com as mãos nos bolsos enquanto Eamon ficava vários passos para trás. Essa era sua posição de preferência quando estava com eles, e embora estivesse plenamente ciente de que esse ritmo dava a impressão de que ele estava segurando vela, vestia com orgulho a camisa só para poder ver os dois juntos. Ficava feliz em ver *eles* felizes, e se sentia menos torturado em termos existenciais ao testemunhar tamanha disparidade neste mundo parecer tão natural e tão incontestavelmente correta. Mark e Caroline eram como uma prova viva para ele. Eram prova de que tudo podia dar certo, mesmo quando não deveria. Prova de que ser diferente não é o mesmo que ser disfuncional, mesmo quando a matemática da coisa parece tão exata.

Mark era quase um gigante: no ensino médio, costumava jogar na dianteira do time de futebol americano, e tinha um palmo a mais de altura do que

a maioria das pessoas, mas carregava todo esse peso com conforto e facilidade surpreendentes. Seus passos eram longos e confiantes conforme navegava pela costa, e embora suas bochechas pálidas estivessem ficando vermelhas com a brisa salgada da maresia, sua disposição animada não falhava nem por um segundo. Caroline, por outro lado, era absurdamente esbelta, e os hábitos que adotara ao longo de uma vida de atletismo na escola onde os três se conheceram lhe foram muito úteis durante a faculdade e o início da vida adulta. Ela era tão graciosa em seus movimentos quanto na empatia; sua pele marrom-clara se garantia plena contra o sol do início de setembro e seus cachos pretos como piche dançavam a cada jogada das pernas. Como casal, à primeira vista não pareciam combinar muito, mas para qualquer um que os conhecesse, mesmo que só de passagem, eram simplesmente incompletos um sem o outro. Duas metades do mesmo punhado de barro. Dois sopros da mesma rajada de vento.

Eamon, por sua vez, não emanava nada fisicamente, exceto a colcha de retalhos que era o país onde havia nascido. Tinha pouco menos de um metro e oitenta de altura e fora amaldiçoado com os grossos cachos ruivos que tomava o cuidado de sempre manter curtos o bastante para não se tornar um incômodo. Apesar de magro, ossudo e tímido, não tinha nada de incapaz. Uma vida de caçadas, perseguições e coletas na natureza havia aprimorado seus sentidos a um nível acima da média, mas, embora essas habilidades tenham sido essenciais para a sobrevivência dele e do pai, agora não se passavam de fósseis que ele ignorava com muita determinação para evitar remexer demais na bagagem que tantas vezes o fazia se sentir tão deslocado. Às vezes, tudo o que queria era ser gordinho, descoordenado e alheio a tudo e todos ao seu redor... vezes em que queria muito ser algo que não era. Literalmente qualquer coisa. Até um par de olhos azuis serviria.

Conforme se aproximavam do píer, que parecia mais uma grande doca do que uma construção oficial ou autorizada, Eamon estava com a mão no bolso da calça, remexendo nas passagens de cortesia para a balsa que levava à Ilha Addington. Ele sabia que estavam lá, mas isso não o impedia de passar os dedos pela superfície e sentir as dobras no meio para garantir que não havia cometido nenhum erro horrendo que estragaria a pequena peregrinação deles. Havia recebido as passagens junto à assinatura de uma revista para fãs de *Vale Winterset* chamada *O Banquete do Sapo* que tinha descoberto por um feliz acaso.

Ele e Mark haviam dividido um apartamento quando se formaram no ensino médio, mas desde o dia em que batizaram o novo lar com um engradado

de alguma bebida barata e péssima, Eamon sabia que seria só questão de tempo até o melhor amigo querer morar com Caroline. Não houve ciúmes nem mágoa da parte dele quando Mark foi falar sobre se mudar, e, sinceramente, a amizade deles não vacilou nem por um segundo. Eamon estava feliz pelos dois e sabia que seu futuro juntos seria fortalecido com isso, o que não tornava menos assustadora a ideia de se sentir um pouco mais isolado. Havia algo no fato de morar com alguém que forçava Eamon a ser mais sociável do que seria do contrário. Algo no ato de compartilhar a vida que o designava a aprimorar o talento social e ser mais aberto à possibilidade de se comprometer com as normas, mesmo que a nível superficial. Parte dele, porém, estava morrendo de medo de deslizar de volta às sombras das quais lutara tanto para escapar no momento em que pisasse num espaço onde não precisava responder a ninguém.

Tratava-se de um desafio que Eamon definitivamente não queria enfrentar aos 23 anos, mas sabia que era necessário, então encontrou um apartamento em um canto esquecido de Boise que conseguia bancar com seu escasso salário de auxiliar de gerente de vendas, enfiou os poucos pertences que tinha em seu carro compacto e marchou mais uma vez rumo ao grande desconhecido. O *Banquete do Sapo*, curiosamente, estava aguardando em sua caixa de correio como se fosse parte de um estranho e fortuito pacote de boas-vindas. Estava endereçado ao inquilino anterior, mas dava a sensação de estar fadado a lhe pertencer, como se alguém, em algum lugar, estivesse tentando lhe dizer que talvez não fosse tão diferente assim. Como se talvez o campo de centeio também estivesse procurando por ele.

Naquela noite, Eamon se sentou no chão nu de seu apartamento e leu a nova revista de capa a capa sob a espreita de quatro paredes brancas, sérias e vazias. Era repleta de fanfics do pior tipo, avaliações dos muitos desenhos animados de *Vale Winterset* que foram produzidos ao longo dos anos, e página atrás de página de arte submetida pelos leitores, mas nem era o conteúdo que lhe importava naquele momento... era a conexão. A conexão que ainda sentia toda vez que uma nova edição trimestral aparecia enterrada em meio às contas e propagandas de cartão de crédito. Uma conexão que, de certa forma, livrou sua decisão de passar um final de semana na Ilha Addington do fardo usual de ansiedades quando, enfiado entre as páginas de elogio e homenagem, ele encontrou um punhado de cupons para uma travessia gratuita na balsa, que só valiam para um único dia do ano: 7 de setembro. O Dia da Cevada.

Havia outras sete pessoas esperando no píer, a maioria parecia ter entre 20 e 35 anos, mas todos aparentavam, um pouco excessivamente, ser ratos de biblioteca, mesmo à distância. Eamon não conseguia se lembrar de qual fora a última vez em que esteve na presença de tantos jovens desconhecidos sem ver uma única peça de roupa xadrez, mas havia uma boa quantidade de veludo cotelê e suéteres questionáveis em termos de moda, e quase todos usavam óculos grandes de uma grossura ou outra.

— Bom, a gente com certeza encontrou seu bando — comentou Mark, assentindo para Eamon, que agora andava ao lado dele e de Caroline.

— Meu bando?! Você ouviu o que disse? — retrucou Eamon, de nariz torcido. — Meu bando passou por muita coisa e, sinceramente, a gente não precisa dos seus estereótipos insensíveis neste momento, tá?

Ele esperou Caroline apoiá-lo com alguma forma de desdém fingido, o que, conforme solicitado, ela expressou com um “Hum” perfeitamente crítico.

Eamon continuou:

— E olha aqui, só porque estão todos olhando pro chão e visível e horrivelmente desconfortáveis na própria pele não quer dizer que sejam *meu bando*.

— E aquele com cabelo ruivo? — desafiou Mark.

— Na verdade, aquele parece *mesmo* com você — acrescentou Caroline, examinando de cima a baixo o jovem mais perto da água. — Talvez se você perder uns oito centímetros e ganhar uns quinze quilos?

Eamon não tinha como discordar, mas, antes de conseguir pensar em uma resposta sagaz, o mais animado e pesado dos desconhecidos tomou a iniciativa de dar-lhes as boas-vindas de maneira teatral, sem um pingo de vergonha.

— Desejo-lhes um bom-dia, companheiros Valeanos! — bradou, afastando-se do parapeito com uma edição de capa de couro da obra-prima de Addington debaixo do braço. — Os senhores e a senhorita vieram compartilhar do banquete da Cevada com este grupo de almas indomadas?

Mark congelou onde estava e revirou os olhos com tanta força que tanto Caroline quanto Eamon conseguiram escutar suas córneas cravando novas dobras em sua massa cinzenta.

— Tá, eu estou indo pra casa — anunciou, dando meia-volta ao mesmo tempo em que Caroline se colocou à sua frente para lhe dar uma nova perspectiva.

— Comporte-se! É só uma travessia de balsa. Não é como se você fosse passar o final de semana com eles — argumentou ela.

Mark respirou fundo, resignado, e forçou um sorriso de dar dó antes de responder ao cumprimento do cavaleiro com o linguajar do *seu* bando, os indiferentes:

— E aí?

— Ah, um acadêmico! — exclamou o autodeclarado porta-voz do grupo.

— Ele está tirando sarro de mim, não está?

— Nããão, não, não. Ele só está...

— Sim, definitivamente está tirando sarro de você — interrompeu Eamon, e voltou a atenção para os outros. — Todos estão esperando a balsa? — perguntou, brandindo as passagens gratuitas de *O Banquete do Sapo*.

— De fato! — gritou o pregoeiro. — Somos meros viajantes cansados em busca de uma travessia segura à...

Mark ergueu o dedo de maneira tão singular que fez o outro parar no meio da frase, e não perdeu tempo em voltar sua atenção para o sujeito que se parecia com Eamon, como se dissesse “*você... você tem permissão para falar.*”

— É, cara, a gente está só esperando para ir até a ilha — respondeu o ruivo, e o restante do grupo confirmou, assentindo e balançando as próprias passagens gratuitas no ar salgado de setembro. — Já faz quase uma hora.

Mark se virou como se sua palavra fosse decisiva e declarou:

— Bom, aí está, nada de balsa.

— Na verdade, agora que você falou... não estou vendo nenhuma placa, nem nada — refletiu Eamon, procurando ao redor por qualquer indício de que ao menos estavam no lugar certo.

— É isso, então, vamos embora — disse Mark, dando meia-volta de novo só para ser desvirado à força por Caroline.

— Amor, espera uns minutinhos. A gente já está aqui. Vai, dirigimos tipo umas sete horas.

— Tá. Mas se eu tiver que escutar mais uma palavra do Capitão Feira Medieval ali, eu juro que vou enfiar aquele livro tão fundo na garganta dele que não vai conseguir participar de um torneio de justa por uma semana. — Eamon inclinou a cabeça de um lado a outro como se estivesse avaliando a qualidade da ameaça de Mark. — O que foi?

— Sei lá — respondeu ele. — Tipo, foi uma boa, mas eu teria escolhido algo mais para... “tão fundo na garganta dele que vai cagar cartas de uíste por duas semanas”, ou coisa do tipo.

— Uuuh, bem melhor! — opinou Caroline.

— Odeio tanto vocês. E para que fique registrado: cartas de uíste são só cartas normais de baralho, então quem é o sabichão agora, senhor sabichão?

— Com certeza não sou eu — respondeu Eamon, mas ao baixar os olhos para os cupons subitamente inúteis em suas mãos, seu devaneio silencioso sobre a viagem de um final de semana foi interrompido pelo ronco forte de um motor a diesel e todos se viraram para ver um velho barco de pesca arrastar-se pelo mar. A embarcação decrepita deu uma grande volta pela linha da costa e parou devagar antes de avançar em marcha a ré até a popa estar perto o suficiente para Eamon ver que *O Estalão* estava pintado no casco em letras gastas. O barco estava em frangalhos, e seu capitão não parecia muito melhor ao sair da cabine vestindo calças de lona, jaqueta fleece e uma barba que passava uma imagem muito peculiar que ele claramente não tinha intenção de evitar.

— Todos a bordo! — disse, ao pegar uma corda grossa e amarrar o barco no cunho mais próximo.

O grupo todo lhe lançou um olhar cético, mas foi Mark, que ainda não tinha encontrado um desconhecido de quem tivesse vergonha demais para conversar, que se elegeu o *consigliere*.

— Todos a bordo do quê? — questionou.

— Vocês querem conhecer a ilha ou não?

— Espera. Essa é a balsa? — perguntou Eamon enquanto o resto da congregação aos poucos se aglomerava ao redor deles, o que fez o capitão apontar para uma grande embarcação de passageiros que estava ancorada a uns cem metros dali, aparentemente abandonada para morrer.

— Não. *Aquela* é a balsa. *Este* é *O Estalão* — respondeu o capitão, esticando os braços para o lado em um gesto amplo.

— Bom, então quando a balsa vem?

— Não vem. Está desativada há uns cinco ou seis anos, algo assim.

Caroline pegou os cupons da mão de Eamon e os ergueu para o capitão ver.

— Mas então por que continuam enviando cupons? — perguntou, sob um coro de murmúrios afirmativos.

— Está achando que eu tenho cara de prefeito? — explodiu o capitão.

— Ei! — alertou Mark.

— Desculpa. Não foi por mal. Sou o Capitão Gene — disse ele, então desceu até a doca e ofereceu a mão a Mark ao mesmo tempo em que desviava os olhos para a embalagem vazia de lanche para viagem que Caroline ainda